

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 09 – 2007, SETEMBRO
Assinatura até Dezembro de 2008: 15 selos postais de 1^o Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Contos e Poesias?!
www.haicu.sf.nom.br

Los persas tienen con su dominio de tierras muertas,
un rey sombrío; Mas yo vasallo de pueblos idos
los hunos foscos de otro rey vivo, – ¡cuando te vayas,
un rey altoivo; un rey desnudo, llévame, hijo! –
un rey ameno blanco y rollizo: Toca en mi frente
tienen los iberos; su cetra – un beso! tu cetra omnímodo;
rey tiene el hombre, Mi premio – un mimo úngeme siervo,
rey amarillo: Oh! cual los áureos siervo sumiso:
¡Mal van los hombres reyes divinos

José Julián Martí 1853-1895, Ismaelillo; Mi Reyecillo
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Vejo-te morta. As brancas mãos pendentes.
Delas agora, sem querer, libertas
a alma dos gestos e, dos lábios quentes
ainda, as frases pensadas só em certas
tardes perdidas. Sob as entreabertas
pálpebras, sinto, em teu olhar presentes,
mundos de imagens que, às regiões desertas
da morte, levarás, que a morte sentes

fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva, a cabeleira,
teus cabelos voando! ah! teus cabelos!
Gesto de desespero e despedida,
para ficares de qualquer maneira
pelos fios castanhos presa à vida.

Mauro Mota 1911-1984, Elegia n° 1

Tu queres ilha: despe-te das coisas, XXXIII
das excrecências, tira de teus olhos
as vidraças e os véus, sapatos de
teus pés e roupas, calos, botões e
também as faces que se colam à
tua, e os braços alheios que te abraçam
e os pés que querem ir por ti, e as moças
que querem te esposar, e os ais (não ouças!)

que querem te carpir, e os cantos que
querem te consolar, e tantos guias
que querem te perder, e as ventanias
que não dormem, que batem alta noite,
tristes, em tua porta, se ressonas
pois nem o vento, nada te abandona.

Jorge de Lima 1893 -1953, Invenção de Orfeu, Canto I

Estar atento diante do ignorado,
reconhecer-se no desconhecido,
olhar o mundo, o espaço iluminado,
e compreender o que não tem sentido.
Guardar o que não pode ser guardado,
perder o que não pode ser perdido.
– É preciso ser puro, mas cuidado!
É preciso ser livre, mas sentido!

É preciso paciência, e que impaciência!
É preciso pensar, ou esquecer,
e conter a violência, com prudência,
qual desarmada vítima ao querer
vingar-se, sim, vingar-se da existência,
e, misteriosamente, não poder.

Dante Milano 1899-1991, Monólogo

Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século, José Nêumanne Pinto, 1^o Edição, 2001;
Geração Editorial, www.geraçãobooks.com.br geracao@terra.com.br Fone 011 3872-0984 Geração Editora Objetiva Ltda., Rua Cosme Velho 103, 22241-090 – Rio de Janeiro, RJ:
(021) 2556-7824, www.objetiva.com.br

Seja grande na importância,
seja um beco na favela,
a rua da nossa infância
é, na saudade, a mais bela!

Alzira de Siqueira Alves L.,
0708 Trovaregre.

Vem amor, vem sem demora,
– vivo à espera da chegada...
tal qual a vinda da aurora,
nos clarões da madrugada!

Benedito Camargo Madeira, 0907
O Patusco, Caixa Postal 95
61600-000 – Caucaia, CE

Hoje quando ias passando,
meu coração deu um salto;
não me lembrava de quando
o louco bateu tão alto.

Cecy Tupinambá Ulhóa,
0708, Trovaregre: Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Ainda vejo na varanda
em frente a Igreja da Matriz
meu pai regendo uma banda
e a praça inteira feliz!

Eduardo A. O. Toledo, 0605
O Pitiguari, Rua Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Às vezes a lei ofende
e causa muita revolta
sempre que a polícia prende
e a falsa justiça solta...

João Batista Serra, 0709
O Patusco, Caixa Postal 95
61600-000 – Caucaia, CE

O avanço da prepotência
e as mãos do falso poder
sempre encontram resistência
onde floresce o saber.

Roberto Resende Vilela, 0706
Bali, fones: 022 3861-2318 -3197
kleberleite@terra.com.br

Caem as flores murchas...
No quintal abandonado
um só mamoeiro.

Fanny Dupré

Um bem-te-vi na árvore
canta e canta sem descanso:
outro canto ao longe.

H. Masuda, Goga

Sem nenhuma brisa
a nuvem de primavera
faz sombra no chão.

Maria Reginato Labruciano

Fora de controle
lambem o céu, línguas de fogo.
Campo queimado.

Suely de Moraes

À beira da estrada
com as abelhas divido
meu caldo de cana!

Teruko Oda

Uma nota aguda!
Rebo na mata araponga,
ressonantemente...

Tomoko Narita, Sabiá

Leve gorjeio
o sol se levanta – é dia
brumas se vão.

Yara Shimada Brotto

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE INVERNO

Pássaros cantores
saúdam o nascer do sol.
Chilrada nas árvores.

Darly O. Barros

No forro da casa
ouço barulho estridente:
gato em amor!

Edel Costa

Alarme, alarido,
uma briga no terreiro.
Gato em amor.

Fernando Vasconcelos

Dia do Fazendeiro,
trabalho árduo, cansativo.
A festa aguardando.

Haroldo R. Castro

Dia do Fazendeiro,
Peões e cavaleiros
comemoram a data.

Helvécio Durso

Pendurados na haste,
lábios carnudos de pétalas.
Gladíolos vermelhos.

Héron Patricio

Dia da Juventude.
Rompe a faixa de chegada,
um atleta idoso.

Olga Amorim

HAICUS EM FOLHA

Flores, na calçada...
Cinamomos, perfilados,
espalham fragrâncias...D

Amália Marie Gerda

Brilho negro e azul,
do cardume de cavalas,
se agiganta n'água. J

Amália Marie Gerda

Finda o inverno.
O cinamomo floresce
no jardim da praça. F

Amauri do Amaral Campos

Cavalos desfilam.
Vão cagando e andando
no Dia da Pátria. S

Amauri do Amaral Campos

Perfume envolvente.
Enfeitando toda a rua
cinamomo em flor. F

Analice Feitoza de Lima

Os tambores rufam.
E a festa invadindo a rua
no Dia da Pátria. N

Analice Feitoza de Lima

Na banca da feira,
cavala chama atenção:
postas sem espinha. N

Angelica Villela Santos

Em volta da igreja,
os cinamomos floridos
perfumam e enfeitam. S

Angelica Villela Santos

Aromatizante
o cinamomo frondoso
abriga um ninho. J

Argemira F. Marcondes

Soldados desfilam
pelas ruas da cidade.
É Dia da Pátria. N

Argemira F. Marcondes

É hora da ceia,
um prato delicioso.
cavala, cheirosa. S

Argemira F. Marcondes

Sentado na relva,
à sombra de um cinamomo,
casal namora... F

Darly O. Barros

Picaré na praia.
Presas nas tramas, cavalas.
Turistas em volta... J

Darly O. Barros

No mar prateado,
um cardume de cavalas
passando ao sol. F

Denise Cataldi

Crianças desfilam
uniformes impecáveis
no Dia da Pátria. N

Denise Cataldi

Os olhos passeiam
no jardim de cinamomos:
hino à Natureza. N

Djalda Winter Santos

Em seu uniforme,
vai desfilando – garboso –
no Dia da Pátria. S

Flávio Ferreira da Silva

Barraca na feira
faz promoção de cavala.
Preço de banana. S

Flávio Ferreira da Silva

Pequenas flores
exalam perfume
do cinamomo. S

Manoel F. Menendez

Barcos costeiros,
pescadores,
e cavalas. S

Manoel F. Menendez

Sete de setembro.
No alto, bandeira tremula.
É Dia da Pátria. S

M^o Marlene N. Teixeira Pinto

No caramanchão
as flores dos cinamomos.
Perfume suspenso. E

Maria Mello

No Dia da Pátria,
garoto com bandeirinha
seguinte o desfile. F

Renata Paccola

No Dia da Pátria,
garotos emparelhados.
Parada escolar. S

Renata Paccola

Em águas serenas,
o cardume de cavalas
faz coreografias. A

Roberto Resende Vilela

Janelas abertas.
Sopra a brisa perfumada.
Cinamomo em flor. A

Roberto Resende Vilela

No Dia da Pátria,
branco, azul, verde e amarelo
no topo dos mastros. J

Roberto Resende Vilela

No Dia da Pátria,
alaridos das crianças:
ônibus fretados! S

Shinobu Saiki

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, o piniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.09.07, quigos à escolha: Rainha-da-noite, Melancia, Papai Noel.

Remeter até 30.10.07, quigos à escolha: Pequi, Pêssego, Picolé.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À MODA OCIDENTAL, TREVOS PERSONAGEM E OUTROS

<p>Espada em riste Dia da Independência um grito liberta. Amauri do Amaral Campos</p>	<p>Flores na ante-sala no Dia da Secretária. As flores se entendem... Ercy Maria Marques de Faria</p>	<p>Velho e acabrunhado sorrindo saúda o "Dia do Jovem"... drogado? Fernando L. A. Soares</p>	<p>Semblante tranqüilo olhar perdido Dia do Anceão. Flávio Velasco</p>	<p>Patrão dá presentes à lourinha prestativa. Boa secretária. João Batista Serra</p>	<p>Todo ano tem o Dia do Fazendeiro. lembrança querida. Jorge Picanço Siqueira</p>	<p>Flor de goiabeira. A primeira acende o lar, aguardando irmãs. Leonilda Hilgenberg Justus</p>
<p>Sexta. Cantoria, alunos na pizzaria. Semana da Pátria. Manoel Fernandes Menendez</p>	<p>Fábricas antigas dissolvidas pela vida; canto da araponga... Marcelino Rodrigues de Pontes</p>	<p>Árvore: – em teu Dia, que o mundo inteiro agradeça teus frutos e sombras! Maria Madalena Ferreira</p>	<p>São Paulo, Brasil. Palco da Independência! Irmã brasileira. Nadyr Leme Ganzert</p>	<p>Leve piso e meu conga com flama teme o lbama... canta araponga!... Nilton Manoel Teixeira</p>	<p>Pipa branca e azul orgulhosa ondula no ar. São mãos de menino. Olga Amorim</p>	<p>Na loja enfeitada viva o Dia do Barbeiro diz a tabuleta. Suelly da Silva Mendonça</p>

<p>Desde el ojo oracular de la pradera emerge única la rosa más allá del límite de todos los colores. La inmutable redondez de su corola esconde la cifra callada del círculo y el centro. Todo en su sitio. Todo esmero. Enhiesto el tallo desafiante los apretados pétalos en coro las hojas custodiando el circuito de la lluvia la savia la humedad. (Y las espinas). (Rosa), de Para Hacer una Pradera, 2000</p> <p>Quando el día me mira bien perplejo perplejo yo también lo miro al día: perplejo por la voz que rasga el día; por el silencio de la luz perplejo. De la agónica espuma no sabemos la urdimbre turbia que empezara en ola y terminó en resaca, ya vuelta ola otra vez, tal vez desagüe, y no sabemos tampoco del cangrejo en el silencio escondido, en acecho y su silencio en la su gruta desde siempre oscura. Otro silencio nace en la armonía que da nervio y cimienta a la poesía. De la más clara voz hasta la oscura. <i>El Silencio</i>, de El Oficiante, 2003</p>	<p>Pasará pasará pero el último quedará ¿desde dónde se escucha tu salmodia, pescador de qué orilla, cuál es el umbral que pregona tu insomne letanía? Pasará pasará pero el último quedará ¿y el primero quién es quién fue quién pudo ser o hubiera sido el último de qué lapso hasta qué plazo entre qué filos el último de dónde y el primero de qué? Pasará pasará pero el último quedará ¿y si nada quedara ni nadie quién pasara hacia dónde si acaso ya pasamos y entonces no supimos y no se puede volver ni el ojo ya ni la mirada? Pasará pasará cesta ballesta Martín de la cuesta me dijo mi madre que estaba... en cuál? la cuesta ¿se sube o se baja?</p>	<p>se baja pero ¿se sube? (Junto a la cesta descansa la ballesta) En tanto la paja se alza con el trigo el agua fluye bajo tus umbrales pescador de silencio oscuro pescador. <i>Juegos</i>, de El Hilo de la Lumbre, 1998 A veces en las tardes serenas del invierno cuando me pongo a recordar el tiempo me acuerdo del tiempo aquel cuando en mi casa de infancia los jueves afelpados de lluvia comíamos puchero el aire era liviano la cocina oscura la ventana era chica y el amor era grande mi madre entonces llegaba con la fuente jubilando la carne y los chorizos sus aromas picantes silencioso el zapallo esplendía su amarillo sabroso rozagante la papa y el boniato discreto con los choclos naranjas que la gente menuda disputaba riendo los humildes garbanzos zanahorias pimpantes los abiertos repollos como rosas de tierra ahora a veces recuerdo esos pucheros de los jueves de lluvia durmiendo suavemente a lo largo del tiempo. <i>Los Pucheros</i>, de El Aire Sosegado, 1989</p>	<p>Porque vengo de un sitio donde parece que siempre va llover y el agua se resuelve en piedra y bruma porque vuelvo donde mis vivos viven donde mis muertos yacen bajo cipreses de opaca raíz oscura y suben azules y cimbreantes bajo el cielo de esmalte de un cielo más lejano para ceñirse las cinturas igual que adolescentes alborotando el aire como una Santa Rita con su lazo de amor, enamorados en medio exacto de la luz alegre porque vuelvo a mis lares donde el mundo es fiesta cuando en el aceite de oro de los días se cuece el ajo de la vida el mundo es fiesta cuando la montaña se ama con la nube bajo la blanca sonrisa de los dioses cuando los ríos copulan con la lava escondida de las rocas cuando el árbol rojo del otoño estira hacia el verano los brotes germinales que mecieran la brisa enclauda por el salto detenido del gamo el vertical aroma del jazmín y la punzante pezuña del bisonte. El mundo es fiesta. <i>Fiesta</i>, de Alfa y Omega, 1996</p>
--	--	---	--

Jorge Arbeleche, El Bosque de Las Cosas – Antología 1968-2006, 1ª Edición, ejemplar 142, 2006 – jarbeleche2@yahoo.com
 Librería Linardi y Risso, Juan Carlos Gómez 1435, Montevideo, Uruguay – libros@linardiyrisso.com, www.linardiyrisso
 Gentileza de Lávira Lacerda Menendez

<p>Era uma pensão pacata... Por vez, lembrava um cortiço! A comida era barata... – e bota barata nisso!</p>	<p>Quando a aftosa dá no gado, por lei, mata-se o plantel! se o mal der num deputado... – vamos a lei ser fiel!</p>	<p>Cristo, dai-me mais saber para entender meu patrão! – Mais força nem vou querer porque nele eu tacho a mão!</p>	<p>A Ana lembra, em pessoa, de Vaz Caminha, onde está: – bela, dádiosa e boa, em que se cantando dá!</p>	<p>Sabe-se que o amor é cego, fruto de louca paixão! – Só o casamento, não nego, vai devolver-lhe a visão!</p>	<p>O tesouro do meu sonho que guardo no coração, vem do sorriso que ponho na face do triste irmão.</p>
---	---	--	--	--	--

Josué de Vargas Ferreira, Trovas de Graça – UBT Ribeirão Preto, SP – AFABB, RP – Endereço do Autor: Rua Quintino Bocaiúva 51, Apto. 41, CEP 14015-160 – Ribeirão Preto, SP

<p>As lembranças são castelos pelos anos construídos; onde os momentos mais belos poderão ser revividos... 5º Ademar Macedo</p>	<p>Lembranças da minha infância; lembranças da mocidade. Hoje só resta a distância ligada pela saudade. 5º CTPI Alberto Paco</p>	<p>Em pouco espaço eu consigo pôr o mundo, tenho prova: quando tanta coisa eu digo nas poucas linhas da trova! 6º Angélica Villela Santos</p>	<p>Lembro o amor sem esperança que eu tanto quero esquecer, mas no fundo essa lembrança é que me ajuda a viver. 5º Argemira Fernandes Marcondes</p>	<p>Ao bater a solidão, de um bem ou ente querido, dê vazão ao coração, não o torne mais ferido. 4º Cláudio de Moraes</p>	<p>Lembranças do meu passado cabem na minha algibeira, num retrato desbotado que carrego na carteira... 5º Divenei Boseli</p>
<p>Foto, lembrança marcada que invade meu coração: minha infância perpetuada, num pedaço de cartão. 5º Dorothy Jansson Moretti</p>	<p>Do amor que falei nas cartas, quero também dar-te prova, resumindo as linhas fartas nos quatro versos da Trova... 6º Ercy Maria Marques de Faria</p>	<p>Eu sempre quis numa trova, provar tudo quanto fiz; mas nunca passei na prova, nem fiz a trova que quis! 6º Francisco Garcia</p>	<p>Lembranças são, na verdade, o passado que ficou e o tempo, só por maldade, ser retrato amarelou. 5º Francisco José Pessoa</p>	<p>O bom trovador comprova, quanto é grande o seu alcance, pois, a pequenina trova, pode conter um romance. 6º Francisco Neves Macedo</p>	<p>Velho – carregue esperanças, adubando a vida em flor: quem não cultiva as lembranças mata as raízes do amor. 5º Gabriel Bicalho</p>
<p>São tantas minhas lembranças! E como é bom lembrar minhas duas longas tranças voando, ao meu rodopiar! 5º Gislaine Canales</p>	<p>Desfeitas as esperanças de alcançar felicidade, vou vivendo de lembranças e morrendo de saudade... 5º João Costa</p>	<p>Sei que a trova é pequenina, cabe até na minha mão, mas ninguém nem imagina, toda a suaimensidão. 6º Joel Hirenaldo Barbieri</p>	<p>– Mamãe ninando as crianças, meu pai tangendo animais são as últimas lembranças 5º de um tempo que não vem mais. José Lucas de Barros</p>	<p>Casa... móveis... sonho em cacos... Perderam tudo na enchente... – E erguerão novos barracos... – E choverá novamente... 1º José Ouverney</p>	<p>Meu pai, a luta aguerrida, belo exemplo que ficou. Ah, lembrança de uma vida, que minha vida marcou! 5º José Valdez de Castro Moura</p>
<p>Com sentimento profundo, a minha alma se renova e chega aos confins do mundo, nas asas de minha trova. 6º Judite de Oliveira</p>	<p>Muitas vezes a lembrança de amores, machuca mais, por vive-los na esperança e não torná-los reais. 5º Leonilda Yvonneti Spina</p>	<p>Minhas dantescas cobranças, que te deixavam tão triste, hoje são, oh mãe, lembranças que te buscam... mas partiste! 5º Luiz Antonio Cardoso</p>	<p>“Só lembranças, nada mais,” ouvimos frases assim... contudo nunca é demais reviver horas sem-fim. 5º Manoel Dantas</p>	<p>Em apenas quatro versos, cada um com sete sons, cabem dúzias de universos e pensamentos dos bons! 6º Maria Eliana Palma</p>	<p>Lembranças tenho de outrora de teus beijos maternais... na saudade que me chora tempos que não voltam mais. 5º Maria José Fraqueza</p>
<p>Oh! Lembranças, por que vens? Quais são as tuas verdades? Não percebes que a mim tens causado infelicidades! 5º Maria Marlene Nascimento Teixeira</p>	<p>A Trova, que lembra a rosa no emblema dos trovadores, é tão pura e majestosa quanto à rainha das flores! 6º Marina Bruna</p>	<p>Lembranças são arrebois que iluminam a saudade, fazendo surgirem sóis onde não há claridade... 5º Marisa Vieira Oliveira</p>	<p>Na trova, mais que ornamento, eu quero crer que adivinhas, as flores do pensamento em buquês de quatro linhas. 6º Miguel Russowsky</p>	<p>“ – Perdemos tudo na enchente”, diz a pobre, desolada... Como tudo, se essa gente, 1º em verdade, não tem nada? Nélio Bessant dos Santos</p>	<p>No desejo de pescar um pouquinho de esperança, eu espero conquistar um beijinho de lembrança... 5º Oivaldo Júnior</p>
<p>O asfalto cerca de um lado, e o concreto pela frente. Um dia, o rio humilhado se rebelou numa enchente. 1º Paulo Tarcizio S. Marcondes</p>	<p>Ao que canta, basta o canto, para carpir sua dor, para derramar seu pranto, basta a trova ao trovador. 6º Raymundo de Salles Brasil</p>	<p>Nosso tempo de criança... os velhos sonhos de outrora... a saudade é uma lembrança que se esqueceu de ir embora! 5º Renata Paccola</p>	<p>Carícia mais eloquente que meu coração aprova é te dar um beijo ardente nos versos da minha trova! 6º Renato Alves</p>	<p>Num ritmo de eternidade e encanto que se renova há comboios de saudade nos quatro trilhos da trova. 6º Roza de Oliveira</p>	<p>Lembranças... clones dourados, repassam com nitidez aqueles sonhos passados... sonhando tudo outra vez. 5º Vanda Fagundes Queiroz</p>